

Revista Gávea¹

Entrevista com Carlos Zílio

Ao longo da sua trajetória como artista e professor você participou de mais de uma iniciativa editorial: Malasartes e Gávea. Como você situaria essas experiências no contexto sócio-cultural brasileiro? O que as difere? O que as aproxima?

Malasartes era uma revista que tinha por objetivo uma intervenção crítica no circuito da arte. Predominavam na revista matérias que visavam colocar em circulação a produção emergente e temas polêmicos da cultura brasileira. Realizada ainda em um momento agudo da ditadura, Malasartes buscava abrir espaço para idéias e produções recalcadas pelo sistema dominante. Já Gávea era uma revista universitária, voltada para uma reflexão teórica sobre arte e arquitetura. Malasartes mais diretamente vinculada ao embate político-cultural e Gávea centrada na divulgação do conhecimento na esfera da arte.

A revista Gávea surge no contexto universitário nos últimos anos de ditadura militar (1984). Como se encontrava a universidade brasileira nesse período? Quais foram os principais desafios encontrados?

A Gávea foi uma das vertentes do Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil da PUC/RJ, criado em 1980. O desafio maior era a falta de presença e tradição da área de arte (História e teoria da Arte) na universidade brasileira. Nesta época, além da graduação na USP, um tanto restrita a São Paulo, teve início um curso de especialização em Porto Alegre. Era, portanto, uma área ainda a ser constituída.

Quais questões nortearam o projeto da revista? Quais eram os seus objetivos?

¹ Entrevista de Carlos Zílio a Profa. Regina Melim, do Programa de Pós-Graduação em Artes – UDESC, originalmente publicada na Revista “Hay en Português”, n. 5, 2016.



A Gávea fazia parte da estrutura didática e de atuação cultural do Curso de Especialização (que mais tarde se desdobrou em uma área do Programa de Pós Graduação em História Social do Departamento de História da PUC/RJ). As disciplinas do curso criavam uma dinâmica que resultavam em pesquisas que davam origem a publicação de catálogos e livros e formação de um arquivo. A revista era uma forma de divulgação da produção dos alunos. O Curso de Especialização situou-se como uma alternativa a tradição dominante na História da Arte brasileira que era baseada em uma visão centrada no levantamento e sistematização de informações empíricas. Nossa proposta, como consta da apresentação da revista, era de desarticular esta construção fetichizada e propor uma visão epistemológica específica. A revista Gávea foi o veículo divulgador desta nova produção.

O primeiro número da revista é constituído, basicamente, por textos de alunos do curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil. Qual era o papel dos discentes na construção da revista? Como se dava a sua inserção na publicação?

Os alunos (e ex-alunos) atuavam em todas as fases da revista, desde o levantamento de recursos até a produção e distribuição. Na apresentação que fiz no nº1 da Gávea, situei a revista como local onde as dificuldades, os conflitos e as conquistas da postura teórica do curso deveriam emergir. Esta dinâmica era criada, principalmente, pelo retorno dado pelos alunos. Os artigos publicados eram resultantes das melhores monografias do curso. Acreditávamos que estes trabalhos vinham comprometidos com esta outra visão de História da Arte que pretendíamos estar praticando.

No Brasil, há uma notável defasagem em termos de tradução. Esse fato repercute, particularmente, na nossa graduação, na medida em que nesse estágio das suas formações poucos alunos dominam uma segunda língua. Ao longo das suas edições, a revista Gávea disponibilizou um amplo conjunto de traduções (Rosalind Krauss, Hubert Damisch, Clement Greenberg, Giulio Carlo Argan, Harold Rosenberg). Você poderia nos falar um pouco sobre esse aspecto da revista?

Estes autores, até então não publicados em português e muitos deles desconhecidos no Brasil, faziam parte deste mesmo universo teórico com os qual nos identificávamos. Publicá-los representava ampliar e dar maior fundamentação a concepção de História da Arte com a qual trabalhávamos.

Nos seus primeiros números, a revista Gávea faz alusão à revista October. É possível falar de uma influência? Ela se resumia ao projeto gráfico ou se estendia a outros elementos? Afora essa publicação, quais publicações serviram de referência para o seu trabalho na revista?

A referência a October no projeto gráfico do primeiro número da Gávea (que nos números posteriores foi ganhando identidade própria), tem um aspecto anedótico que era a falta de recursos para a programação visual. Isto dito, na verdade, a October era, para mim, o referencial de uma revista com uma posição inovadora de reflexão teórica e demarcação política no campo da arte.

Em A Querela do Brasil (Malasartes Nº2, 1976), você afirma que “o que interessa é, sem esquecer o processo de desenvolvimento geral da arte, pensar uma concepção particular de expressão, vinculada à nossa realidade.” É possível trazer essa afirmação para o contexto editorial? Você acredita que Gávea alcançou esse objetivo?

O artigo A querela do Brasil, o primeiro que escrevi, possui equívocos que se manifestaram com o tempo. No entanto, creio que levantava algumas questões ainda pertinentes. A Gávea considerava sua atuação em uma realidade específica: o da produção de História da Arte no Brasil. Seu compromisso era realizar um deslocamento da empiria estilística para o campo do conhecimento. Creio que a intervenção que produziu na divulgação de uma nova visão repercutiu positivamente. De certo modo, acho que criou um modelo para as diversas revistas universitárias que surgiriam um pouco mais tarde.

Atualmente, temos um conjunto razoável de revistas acadêmicas de arte em circulação no país. Diferente dos anos 1980, essas revistas estão envoltas em um amplo conjunto de exigências e normativas burocráticas. Como você vê essa mudança? E como avalia as publicações atuais?

A Gávea tinha três fontes de financiamento que alternavam ou se conjugavam: patrocínios privados, FUNARTE e CNPq. Junto com o financiamento do CNPq vieram as exigências normativas. Tivemos que adaptar. A revista perdeu um pouco a características de porta voz do Curso de Especialização e agregou colaboradores externos. Procuramos manter a coerência entre as colaborações e nossos princípios. Creio que conseguimos.